

# Vaticano e CNBB têm opiniões divergentes sobre Maçonaria

Banco de Dados - 76

**DERMI AZEVEDO**

DA nossa equipe de reportagem

A posição a ser adotada pela Igreja diante da Maçonaria é um tema visto de maneira completamente diferente pelo Vaticano e pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Enquanto Roma afirma que "o parecer negativo da Igreja sobre as associações permanece imutável, pois os seus princípios foram sempre considerados inconciliáveis com a doutrina católica", a CNBB incluiu o diálogo com a Maçonaria em seus planos pastorais e pressiona o Vaticano para que abra sua posição.

Até hoje, o presidente da CNBB, d. Ivo Lorscheiter, 58, está esperando resposta do cardeal Joseph Ratzinger, 58, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, para as cartas que enviou, em março e outubro de 1984, pedindo esclarecimentos sobre a dura "Declaração sobre a Maçonaria" que a Congregação publicou em 26 de novembro de 1983.

Contrariando o novo Código de Direito Canônico (que, ao contrário do anterior, não faz qualquer condenação à Maçonaria), a "Declaração" de Ratzinger diz, inicialmente, que a não menção aos maçons, no Código, deveu-se apenas "a um critério redacional". Reitera, em seguida, que permanece proibida, para os católicos, a inscrição nas lojas maçônicas. E que os já pertencentes "estão em estado de pecado grave e não podem aproximar-se da Sagrada Comunhão".

Afirmado que o próprio João Paulo 2º apoiou esta posição, Ratzinger nega, depois, competência aos bispos diocesanos para adotarem posições divergentes neste campo. Acontece, porém, que a CNBB recebeu, em 12 de março de 1975, através da Nunciatura Apostólica em Brasília, orientação diferente do próprio Vaticano. E quer, agora, uma explicação pastoral que considere a nova realidade de diálogo, implementada por João 23, pelo Concílio Vaticano 2º, por Medellín e Puebla.

"Visto ser a Maçonaria uma sociedade secreta — perguntava a CNBB ao Vaticano em 4 de janeiro de 1975 —, qual é o critério a usar-se para verificar se uma associação maçônica realmente não conspira contra a Igreja: bastará o depoimento de algum ou de alguns dos seus membros ou será necessária uma atitude oficial da própria loja?"

"Seria talvez desejável — respondeu o Vaticano, um mês depois —, mas certamente não suficiente e não de se esperar, uma declaração pública por parte da associação em questão, na qual se dissesse que não entra nos intentos dela combater a Igreja: parece, entretanto, que se possa dar fé àqueles católicos que, inscritos há anos na Maçonaria,

solicitam espontaneamente serem admitidos aos sacramentos (o que lhes será negado por esse motivo), declarando onerata ipsorum conscientia (com o ônus de sua própria consciência) que a associação na qual estão inscritos não persegue e não tem mais exigido deles compromissos contrários à sua reta consciência cristã."

## Capitalismo separa

Na opinião do maior maçônico católico brasileiro, o jesuíta gaúcho Valério Alberton, 76, "a Maçonaria nasceu com a Igreja Católica e existe apenas um grande demônio interessado em separar essas duas forças espirituais que têm muitos pontos em comum: o capitalismo selvagem". Autor da "Maçonaria e Igreja Católica: ontem, hoje e amanhã" (já na segunda edição) e de "O conceito de Deus na Maçonaria" (publicado pela editora maçônica Aurora, do Rio de Janeiro), Alberton disse ao repórter Delmar Marques, de nossa Sucursal em Porto Alegre, que a CNBB planeja sugerir ao Vaticano que crie um secretariado especial para o diálogo com a Maçonaria, não enquadrados nos secretariados já existentes para os cristãos, não cristãos e não crentes.

"O relacionamento entre Igreja e Maçonaria no Brasil é bom e tende a melhorar" — diz o funcionário público Paulo Rodarte, 64, fundador do Grande Oriente Independente do Rio de Janeiro, lembrando que "de um lado e de outro, ainda há quem não aceite um fato histórico irreversível: a da aproximação definitiva entre as duas instituições. As árvores que plantamos começam a dar bons frutos, hoje, e darão mais, amanhã".

Outro líder mação, o capitão da reserva do Exército Hans Petersen, 60, deputado do grão-mestre da "muito respeitável Grande Loja do Rio Grande do Sul", com sede em Porto Alegre, afirma que "os princípios básicos da Igreja e da Maçonaria (a crença em Deus e na imortalidade da alma) são os mesmos e não há motivos para conflitos entre elas". E enfatiza que "os preconceitos vão sendo vencidos pouco a pouco, de lado a lado".

Para o padre e sociólogo José Oscar Beozzo, 43, "uma coisa é a Maçonaria na Itália, onde o caso da loja P-2 marcou muito alguns setores do Vaticano, numa linha desfavorável ao diálogo, e outra é a Maçonaria no Brasil, mais aberta ao entendimento". Já o presidente da Academia Brasileira Maçônica de Letras, general da reserva Morivalde Calvet Fagundes, 73, destaca que "no Brasil, ainda há necessidade de um melhor conhecimento recíproco entre Igreja e Maçonaria" e que suas finalidades são as mesmas: "A busca do aperfeiçoamento do homem e da humanidade, a promoção da liberdade e dos bons costumes."



Com João 23, a Igreja abriu um diálogo com a Maçonaria — agora ameaçado pelas instruções do cardeal Ratzinger

## No Brasil, confronto e busca de aproximação

### País reúne 200 mil maçons

As relações entre Igreja e Maçonaria na História do Brasil registram séculos de confronto e décadas de esforços em favor do diálogo. Na luta pelos ideais republicanos, clérigos maçons participaram de revoluções, como a de 1817, em Pernambuco e sofreram a repressão da monarquia. Foram maçons do grau 33 personalidades como o padre Diogo Antônio Feijó, o cônego Januário da Cunha Barbosa, frei Francisco de Mont'Alverne, frei Caneca e outros padres revolucionários nordestinos. O frei Joaquim do Amor Divino Caneca traduziu do inglês o livro "A história da franco-maçoneria".

Entre os padres, os maçons e os militares, unidos, as leituras predominantes, nas épocas que precederam e se seguiram à Independência do Brasil, eram Jean Jacques Rousseau, Adam Smith, Victor Cousin e Emmanuel Kant. Mas, paradoxalmente, a progressiva separação entre a Igreja e o Estado no Brasil foi acompanhada por uma crescente dependência eclesiástica para com Roma e por conflitos ligados à chamada romanização.

### A questão religiosa

É o caso, por exemplo, da chamada "questão religiosa", definida pelo historiador Hugo Fragozo como "o conflito do Estado com a Igreja do Estado." Ele diz, em um dos capítulos de "A História da Igreja no Brasil" (Vozes, 1980), que "o governo imperial, pelo padroado régio, transformara a religião católica numa espécie de Departamento de Estado" e que "os liberais, por outra parte, afirmavam que a religião católica tinha transformado o Brasil num Estado da Igreja". A tese básica do franciscano Hugo Fragozo, a de que

Com 100 mil membros ativos e outros 100 mil filiados inativos, a Maçonaria brasileira é considerada a maior do mundo latino. Inclui, entre seus membros, personalidades do mundo econômico, político e cultural. Mas, ao contrário do que se afirma comumente, não registra, na sua lista de filiados, os nomes nem do presidente eleito Tancredo Neves (um católico praticante e religiosamente conservador de S. João Del Rey), nem de qualquer presidente do regime de 64. No período precedente, somente Jânio Quadros era aprendiz mação, mas não era ativo.

A presença maçônica no Brasil foi consolidada em 1821, com a fundação da loja Reunião, no Rio, filiada ao Grande Oriente da França, não considerado regular pela Maçonaria original e tradicional, a da Inglaterra. O primeiro Grande Oriente brasileiro foi fundado em 1813, fracassan-

do com a derrota da Revolução Pernambucana de 1817. Depois de suportar a repressão ordenada por d. João 6º, a Maçonaria renasce com a campanha pela Independência. Outro Grande Oriente é fundado por José Bonifácio de Andrada e Silva em 1922.

D. Pedro 1º torna-se grão mestre da Ordem, mas d. Pedro 2º a proíbe, mais tarde. Com sua abdicação, o Grande Oriente é restaurado e José Bonifácio volta a dirigi-lo. Volta a predominar o rito escocês antigo, aceito em 85% das lojas maçônicas brasileiras. Hoje, a Maçonaria brasileira está dividida em três correntes autônomas: as Grandes Lojas, criadas em 1927 sob influência norte-americana; o Grande Oriente do Brasil, o mais antigo, de tradição inglesa; e a Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, uma dissidência do Grande Oriente do Brasil, surgida há dez anos.

o de Belém do Pará, d. Antônio Macedo Costa, interdita irmãndades que tinham maçons como sócios. O imperador Pedro 2º processa e manda prender os bispos, em 1874. A anistia, concedida pelo Duque de Caxias, no ano seguinte, encerra o caso, cujas sequelas permanecem por muitas décadas.

### As posições do Vaticano

A História do Brasil indica, porém, que durante quase um século o clero nacional praticamente ignorou as condenações vaticanas à Maçonaria. A primeira delas fora feita em 28 de

setembro de 1738 pelo papa Clemente 12, na famosa carta apostólica In eminenti, proibindo, "em nome da santa obediência", qualquer participação dos católicos nas lojas dos "franco-maçons", como eram chamados na época.

Os documentos condenatórios foram sendo publicados sem interrupção pelos papas Pio 7º, Leão 12, Pio 9º, até Leão 13. Mas sinais de mudança começaram a ocorrer com João 23 e o Vaticano 2º. Neste concílio, registraram-se intervenções em favor do diálogo com os maçons. A principal delas foi feita pelo bispo de Cuernavaca, México, d. Sergio Méndez Arceo, pedindo fim das condenações e o início do diálogo.

Enquanto os documentos papais escassearam, os documentos da Cúria Romana foram aumentando. Os maçólogos registram que esses documentos mantiveram-se contrários à Maçonaria durante séculos, passando, a partir dos anos 60, a apresentar matices, ora de distensão, ora de endurecimento quanto aos maçons. A carta de julho de 1974, da Congregação para a Doutrina da Fé, foi vista como uma grande abertura ao afirmar que as condenações do cânon 2.335, do antigo Código de Direito Canônico, aplicavam-se somente aos católicos maçons, membros de lojas "inimigas da Igreja".

O clima ameno dos pontificados de Paulo 6º e João Paulo 1º foi substituído pelo clima apologetico com João Paulo 2º e Ratzinger. Mas a Igreja Católica, sobretudo no Terceiro Mundo, é marcadamente dialógica e luta para afirmar sua autonomia, não baixando sempre a cabeça diante de Roma, como ocorreu em vários momentos da história contemporânea da Igreja. (DA)

**Habilitação em ENFERMAGEM**

**OBSTETRÍCIA**

**MÉDICO-CIRÚRGICA**

**LICENCIATURA**

**MATRÍCULAS ABERTAS FACULDADE SÃO JOSÉ (São Camilo)**  
Av. Nazaré, 1.501;  
tel.: 215.1482 - Ipiranga.

**INGLÊS-FRANCÊS-ALEMÃO**  
Treinamento intensivo de conversação. Cr\$ 44.000, mensais. Início imediato. F. 255-2943.

**GRAMOFONE VICTOR TALKINGMACHINE-CO**  
Ano de fabricação, 1906 tipo lírio, n.º V-I-40347F. Em funcionamento normal.  
(Venda, acervo de família) Tr. Fones: 222-4683 - 223-5731, c/ Sr. José.

**CONCURSO FISCAL ICM, IAA, IAPAS**  
(até Cr\$ 3.000.000 mensais — mais de 2.000 vagas — nível superior). Novas turmas; noite ou sábados: profs. fiscais; aulas s/compromisso. Apostilas. Curso Síntese: Av. Sen. Queirós, 101 (Metrô Luz). F. 229.1104 ou 229.2939.

**CONC. TAT**  
Novo Salário  
Mudança de cargo. Últ. Turmas. DPI — 227-5009.

**DR. LINEU CORDEIRO — CRM 13.653**  
GLANDULAS SEXUAIS. IMPOTENCIA. DOENÇAS VENEREAS. PRE-NUPCIAL  
R. SAO BENTO, 181 7 A  
TEL.: 35-1939 - DAS 15 AS 19 HS

**EXAME DE ORDEM? CURSO SÍNTESE**  
F.: 229.2939 e 229.1104

**ESTUDE COM FISCAIS DO IAPAS**  
no Curso Ipê e garanta a sua aprovação. Professores especializados e as melhores apostilas Informações na secretaria do curso: Largo do Paissandu, 51 — 5.º andar — S/502 Fone 223.0616

CMP 21 f. 229

"Folha de São Paulo" - 20-I-1985